

**Prova de Avaliação de Conhecimentos e Competências**  
**Avaliação da Capacidade para a Frequência do Ensino Superior para Maiores de 23 Anos**  
**(2017)**

**Português (Língua)**

Funchal, 16 de Junho de 2017

Duração: 120 minutos

---

Leia, com atenção, o seguinte texto.

É sempre ingrato falar de algo tão usual como a língua, mas talvez seja por muito falarmos dela, com euforia e sem tino, que a ela sempre voltamos, como náufragos sem madeiros que nos valham num mar imenso. Vamos, pois, à língua e aos seus futuros.

Mas é impossível falar em futuro sem relembrar, ainda que brevemente, o passado. O tempo do galego-português (ou galaico-português, se preferirem), nascido do latim no ângulo noroeste da Península Ibérica, depois da presença romana iniciada em 218 a.C. Outras invasões e conquistas trouxeram outros falares. E se o latim escrito continuava como língua de cultura e transmissão de conhecimento, o português nascido de uma das línguas peninsulares (galego-português, castelhano e catalão; os bascos não haviam abraçado o latim e assim se mantiveram) viu o seu vocabulário, latino e grego na origem, enriquecer-se com palavras de origem germânica (menos) ou árabe (mais). O Testamento de D. Afonso II, que está na origem da mais recente euforia celebrativa, está datado de 27 de Junho de 1214 (faz agora exactamente 800 anos) e é, a nível oficial, o mais antigo documento escrito em língua portuguesa de que há registo. Mas o português não parou por aí, e às influências da proximidade com o castelhano (que chegou a ser usado como segunda língua falada e escrita, inclusive por Gil Vicente e Camões) veio depois a ser influenciado, a partir do século XVIII, pela língua francesa. Gramática, Ortografia e Lexicografia iam-se desenvolvendo desde o século XVI. E iam surgindo os dicionários e vocabulários, com realce para os de Bluteau e de Morais e Silva (ambos escritos e publicados já no séc. XVIII). Por onde andava o português falado, já então?

A crescer e a modificar-se, mas em caminhos diversos consoante as geografias. Portugal e Brasil, mantendo unidade ortográfica até aos últimos tempos da monarquia portuguesa (já o Brasil se tornara independente em 1822), caminhavam para uma óbvia e natural separação em termos de expressão linguística. A velhíssima mãe-língua, ela própria com ainda mais antigos progenitores e parentes, via os filhos crescer, sem contudo prestar atenção suficiente às suas necessidades e diferenças. África, neste campo, também por via da colonização, viu-se a braços com o português como língua oficial (de ensino, de administração) mas não de uso. Porque nesse papel estavam as línguas maternas, não as do colonizador. [...]

Depois disso? O vazio, ou quase. Quando, após as independências, os países africanos clamaram por professores, por ajuda no ensino, a resposta foi fraca ou nula. Angola, Moçambique e Guiné-Bissau quiseram incentivar o português em finais dos anos 1970, mas com pouco sucesso. Manuel Ferreira (1917-1992), professor e africanista célebre, autor de livros como *Hora Di Bai* ou *A Aventura Crioula*, escreveu em 1988 num livro intitulado *Que Futuro Para a Língua Portuguesa em África?* (curiosamente, a mesma pergunta que hoje repetimos mas com os olhos postos em ambições maiores) o seguinte: «Houve um período em que esses três países procuraram, insistentemente, socorrer-se de Portugal para a contratação de professores cooperantes, mas sabe-se de quanto os sucessivos Governos portugueses, socialistas ou social-democratas, mostraram estranhamente um soberano desdém pelos continuados apelos dos Governos desses países.» Agostinho Neto terá dito, então, que ia bater a outra porta: a do Brasil.

Pois foi exactamente no Brasil que a língua portuguesa tomou forma distinta, falada e escrita e isso deveria constituir motivo de orgulho. Ao contrário do desprezo a que foi votada África. Cuidou-se excessivamente da ideia de língua oficial, descuidando a língua de uso. Artificio útil para palestras, mas máscara de enorme incompetência. Quando hoje se levanta a bandeira dos “250 milhões de falantes”, Brasil e Portugal são contados na íntegra mas África e o Oriente (Índia, Macau e Timor) são esquecidos na realidade dos seus dias, das suas populações, mesmo que sejam lembrados num punhado de intelectuais, governantes e funcionários. Temos, por incompetência e cobiça, os olhos postos nas altas esferas do poder, mas esquecemos a aldeia, a sanzala, a tabanca. Não nos importamos de mentir quando, alardeando o português como “língua de negócios”, tratamos desses negócios naturalmente em inglês, não só no estrangeiro mas também em Portugal, como se o nosso idioma nos envergonhasse, subservientes como sempre ao que nos vem de fora e achamos mais capaz e mais útil. Como queremos que o português seja língua de trabalho no estrangeiro quando nem em Portugal o é? Quem queremos enganar com tais sonhos de expansão, quando os esforços têm sido contrários, no sentido de fechar, minguar, minorizar o português perante outros idiomas, esses verdadeiramente internacionais porque, em lugar de se auto-elogiarem, impõem-se, fazem-se ouvir. Os ingleses não falam da língua, falam a língua. Assim o deviam fazer os portugueses.

Mesmo no universo dito lusófono. Os brasileiros em Portugal falam, orgulhosamente e bem, como o fariam no Brasil. Mas muitos portugueses, mal chegam a terras de Vera Cruz, já estão a tentar esconder o seu sotaque e a “abrasileirar” a fala. Sinal de pequenez congénita, que está na base dessa aberração chamada “acordo ortográfico”, que não só é totalmente inútil do ponto de vista prático (como se vê, para um mesmo acontecimento, global e recente, Portugal fala em *Mundial de Futebol* e o Brasil em *Copa do Mundo*<sup>1</sup>, sem que nenhum acordo resolva tais diferenças, nada subtis – ou sutis, como se dirá no Brasil) mas também do ponto de vista da unidade da língua. Foram criadas novas e artificiais diferenças, impostas à fala e não determinadas por esta, ao contrário do que sucedeu noutras reformas ortográficas, de que o português aliás abusa. Sem resultado: ainda há pouco tempo, uma tradutora dizia, num colóquio público, que se antes eram feitos dois documentos para as instâncias internacionais, um para Portugal e outro para o Brasil, depois da vigência oficiosa do acordo (que não é oficial em país algum) continuaram a ser produzidos dois documentos, um para Portugal e outro para o Brasil. África, como de costume, continua arredada destes malabarismos.

Ora devíamos, isso sim, estar a trabalhar no sentido de reconhecer (e aceitar como naturais) as diferenças na evolução do léxico, do vocabulário e das estruturas frásicas nos vários países onde o português é língua oficial, mas também de consignar tais diferenças (vocais ou gráficas) como património comum, em lugar de as escondermos como se fossem “aleijões”<sup>1</sup> da língua e indesejáveis “impurezas”. [...]

A festejar a inércia e a premiar a farsa. A língua, que tanto nos deu, pela fala e pela escrita, há-de resistir. Mas desejar-lhe um futuro é desejar-lhe liberdade e diversidade. Ou seja: tudo o que hoje lhe tiramos.

Texto de Nuno Pacheco, publicado no jornal *Público*, a 27 de Junho de 2014. Escrito conforme a antiga ortografia.

## Grupo I

Depois de ter lido o texto, responda às seguintes questões.

- 1) Resuma o texto que acabou de ler, usando no mínimo 250 palavras e no máximo 300. (4,5 valores)
- 2) Proponha um título adequado ao excerto que leu, fundamentando a sua proposta. (1,5 valores)
- 3) Qual a relação entre as palavras ‘nós’ e ‘noz’? (0,5 valores)

<sup>1</sup> Significado: ‘defeitos’, ‘anomalias’.

- a) São palavras sinónimas.
  - b) São palavras homófonas.
  - c) São palavras antónimas.
  - d) São palavras homógrafas.
- 4) Quanto ao acento tónico, como classifica as palavras ‘ortográfica’ e ‘linguística’: (0,5 valores)
- a) São palavras paroxítonas.
  - b) São palavras oxítonas.
  - c) São palavras proparoxítonas.
- 5) Tendo em conta a frase: “O Testamento de D. Afonso II, que está na origem da mais recente euforia celebrativa, está datado de (...)”, como classifica a oração introduzida por ‘que’? (0,5 valores)
- 6) Como classifica a oração: “Mas o português não parou por aí, (...)”? (0,5 valores)
- 7) Como classifica a oração: “Quando (...) os países africanos clamaram por professores”? (0,5 valores)
- 8) Como classifica a oração: “E se os movimentos de libertação africanos optaram pelo português (...)”? (0,5 valores)
- 9) Tendo em conta a frase: “Houve um período em que esses três países procuraram (...)”:
- a) Identifique o tempo verbal, bem como o modo, a pessoa e o número do vocábulo sublinhado. (0,5 valores)
  - b) Flexione a mesma forma verbal na 3ª pessoa do plural do pretérito imperfeito, modo indicativo, e na 3ª pessoa do plural do presente, modo indicativo. (1 valor)

## Grupo II

- 1) Identifique no seguinte excerto as preposições simples e contraídas: (2 valores)

“Numa tarde, estava eu a brincar com um grupo de meninos no terreiro da igreja, quando Alfredo, o filho do padeiro, propôs fazermos uma visita à bruxa. Corremos pela rua abaixo. Eu bem que queria, mas contra a minha vontade fui correndo com os outros que, chegados à casa da bruxa, começaram aos gritos:

– Bruxa má! Bruxa má! Sai cá para fora! Mostra-te à gente! [...]

A bruxa saiu de casa limpando as mãos molhadas ao avental perante o nosso olhar.”

Ilse Losa, *O mundo em que Vivi* (adaptado)

- 2) Transforme cada par de orações numa frase complexa, estabelecendo a relação indicada entre parênteses. Faça as alterações necessárias.
- a) Comemos bolos. Bebemos sumo. (coordenação disjuntiva) (0,5 valores)

- b) Não ficou na primeira fila. Ouviu bem a música e viu os cantores. (coordenação adversativa) (0,5 valores)
- c) Ele gosta de livros. Os livros são sobre animais. (subordinação relativa restritiva) (0,5 valores)
- d) Vou fazer o jantar. Não tenho fome. (subordinação concessiva) (0,5 valores)
- e) Quero comprar um carro. O meu vizinho tem um carro vermelho. (subordinação comparativa) (0,5 valores)

3) Forme adjectivos a partir dos seguintes nomes: (0,2 valores por cada alínea)

- a) Franqueza.
- b) Magnitude.
- c) Noite.
- d) Gratidão.
- e) Calvície.

4) Qual o nome do sinal de acentuação da palavra 'àquelas'? (0,5 valores)

5) Reescreva a seguinte frase na voz passiva: *Os alunos, no ano passado, estudaram todas as obras de Saramago.* (1 valor)

6) Substitua o complemento directo e/ou indirecto pelo clítico correspondente. (0,3 valores por cada alínea)

- a) Eles comiam as laranjas.
- b) O João indicará a casa ao irmão no restaurante.
- c) Já fizeste o teste?
- d) As amigas rasgaram os trabalhos às colegas.
- e) Não tires o estojo da mala.

7) Complete com o particípio adequado do verbo indicado entre parênteses. (0,2 valores por cada alínea)

- a) Se ele tivesse \_\_\_\_\_ (manifestar) a sua ideia, teríamos evitado um problema.
- b) Ele tinha \_\_\_\_\_ (inserir) o nome na lista.
- c) O centro de empresas do meu vizinho tem \_\_\_\_\_ (empregar) muitos jovens desempregados.
- d) A sala estava \_\_\_\_\_ (submergir) de água.
- e) A Carla tinha \_\_\_\_\_ (ouvir) os amigos a combinar um jantar.

**Prova de Avaliação de Conhecimentos e Competências**  
**Avaliação da Capacidade para a Frequência do Ensino Superior para Maiores de 23 Anos**  
**(2017)**

**Português (Língua)**

Funchal, 16 de Junho de 2017

Duração: 120 minutos

---

Leia, com atenção, o seguinte texto.

É sempre ingrato falar de algo tão usual como a língua, mas talvez seja por muito falarmos dela, com euforia e sem tino, que a ela sempre voltamos, como náufragos sem madeiros que nos valham num mar imenso. Vamos, pois, à língua e aos seus futuros.

Mas é impossível falar em futuro sem relembrar, ainda que brevemente, o passado. O tempo do galego-português (ou galaico-português, se preferirem), nascido do latim no ângulo noroeste da Península Ibérica, depois da presença romana iniciada em 218 a.C. Outras invasões e conquistas trouxeram outros falares. E se o latim escrito continuava como língua de cultura e transmissão de conhecimento, o português nascido de uma das línguas peninsulares (galego-português, castelhano e catalão; os bascos não haviam abraçado o latim e assim se mantiveram) viu o seu vocabulário, latino e grego na origem, enriquecer-se com palavras de origem germânica (menos) ou árabe (mais). O Testamento de D. Afonso II, que está na origem da mais recente euforia celebrativa, está datado de 27 de Junho de 1214 (faz agora exactamente 800 anos) e é, a nível oficial, o mais antigo documento escrito em língua portuguesa de que há registo. Mas o português não parou por aí, e às influências da proximidade com o castelhano (que chegou a ser usado como segunda língua falada e escrita, inclusive por Gil Vicente e Camões) veio depois a ser influenciado, a partir do século XVIII, pela língua francesa. Gramática, Ortografia e Lexicografia iam-se desenvolvendo desde o século XVI. E iam surgindo os dicionários e vocabulários, com realce para os de Bluteau e de Morais e Silva (ambos escritos e publicados já no séc. XVIII). Por onde andava o português falado, já então?

A crescer e a modificar-se, mas em caminhos diversos consoante as geografias. Portugal e Brasil, mantendo unidade ortográfica até aos últimos tempos da monarquia portuguesa (já o Brasil se tornara independente em 1822), caminhavam para uma óbvia e natural separação em termos de expressão linguística. A velhíssima mãe-língua, ela própria com ainda mais antigos progenitores e parentes, via os filhos crescer, sem contudo prestar atenção suficiente às suas necessidades e diferenças. África, neste campo, também por via da colonização, viu-se a braços com o português como língua oficial (de ensino, de administração) mas não de uso. Porque nesse papel estavam as línguas maternas, não as do colonizador. [...]

Depois disso? O vazio, ou quase. Quando, após as independências, os países africanos clamaram por professores, por ajuda no ensino, a resposta foi fraca ou nula. Angola, Moçambique e Guiné-Bissau quiseram incentivar o português em finais dos anos 1970, mas com pouco sucesso. Manuel Ferreira (1917-1992), professor e africanista célebre, autor de livros como *Hora Di Bai* ou *A Aventura Crioula*, escreveu em 1988 num livro intitulado *Que Futuro Para a Língua Portuguesa em África?* (curiosamente, a mesma pergunta que hoje repetimos mas com os olhos postos em ambições maiores) o seguinte: «Houve um período em que esses três países procuraram, insistentemente, socorrer-se de Portugal para a contratação de professores cooperantes, mas sabe-se de quanto os sucessivos Governos portugueses, socialistas ou social-democratas, mostraram estranhamente um soberano desdém pelos continuados apelos dos Governos desses países.» Agostinho Neto terá dito, então, que ia bater a outra porta: a do Brasil.

Pois foi exactamente no Brasil que a língua portuguesa tomou forma distinta, falada e escrita e isso deveria constituir motivo de orgulho. Ao contrário do desprezo a que foi votada África. Cuidou-se excessivamente da ideia de língua oficial, descuidando a língua de uso. Artificio útil para palestras, mas máscara de enorme incompetência. Quando hoje se levanta a bandeira dos “250 milhões de falantes”, Brasil e Portugal são contados na íntegra mas África e o Oriente (Índia, Macau e Timor) são esquecidos na realidade dos seus dias, das suas populações, mesmo que sejam lembrados num punhado de intelectuais, governantes e funcionários. Temos, por incompetência e cobiça, os olhos postos nas altas esferas do poder, mas esquecemos a aldeia, a sanzala, a tabanca. Não nos importamos de mentir quando, alardeando o português como “língua de negócios”, tratamos desses negócios naturalmente em inglês, não só no estrangeiro mas também em Portugal, como se o nosso idioma nos envergonhasse, subservientes como sempre ao que nos vem de fora e achamos mais capaz e mais útil. Como queremos que o português seja língua de trabalho no estrangeiro quando nem em Portugal o é? Quem queremos enganar com tais sonhos de expansão, quando os esforços têm sido contrários, no sentido de fechar, minguar, minorizar o português perante outros idiomas, esses verdadeiramente internacionais porque, em lugar de se auto-elogiarem, impõem-se, fazem-se ouvir. Os ingleses não falam da língua, falam a língua. Assim o deviam fazer os portugueses.

Mesmo no universo dito lusófono. Os brasileiros em Portugal falam, orgulhosamente e bem, como o fariam no Brasil. Mas muitos portugueses, mal chegam a terras de Vera Cruz, já estão a tentar esconder o seu sotaque e a “abrasileirar” a fala. Sinal de pequenez congénita, que está na base dessa aberração chamada “acordo ortográfico”, que não só é totalmente inútil do ponto de vista prático (como se vê, para um mesmo acontecimento, global e recente, Portugal fala em *Mundial de Futebol* e o Brasil em *Copa do Mundo*<sup>1</sup>, sem que nenhum acordo resolva tais diferenças, nada subtis – ou sutis, como se dirá no Brasil) mas também do ponto de vista da unidade da língua. Foram criadas novas e artificiais diferenças, impostas à fala e não determinadas por esta, ao contrário do que sucedeu noutras reformas ortográficas, de que o português aliás abusa. Sem resultado: ainda há pouco tempo, uma tradutora dizia, num colóquio público, que se antes eram feitos dois documentos para as instâncias internacionais, um para Portugal e outro para o Brasil, depois da vigência oficiosa do acordo (que não é oficial em país algum) continuaram a ser produzidos dois documentos, um para Portugal e outro para o Brasil. África, como de costume, continua arredada destes malabarismos.

Ora devíamos, isso sim, estar a trabalhar no sentido de reconhecer (e aceitar como naturais) as diferenças na evolução do léxico, do vocabulário e das estruturas frásicas nos vários países onde o português é língua oficial, mas também de consignar tais diferenças (vocais ou gráficas) como património comum, em lugar de as escondermos como se fossem “aleijões” da língua e indesejáveis “impurezas”. [...]

A festejar a inércia e a premiar a farsa. A língua, que tanto nos deu, pela fala e pela escrita, há-de resistir. Mas desejar-lhe um futuro é desejar-lhe liberdade e diversidade. Ou seja: tudo o que hoje lhe tiramos.

Texto de Nuno Pacheco, publicado no jornal *Público*, a 27 de Junho de 2014. Escrito conforme a antiga ortografia.

## Grupo I

Depois de ter lido o texto, responda às seguintes questões.

- 1) Resuma o texto que acabou de ler, usando no mínimo 250 palavras e no máximo 300. (4,5 valores)

O resumo teria de referir os principais elementos do texto e a sua argumentação:

- i. Qual o futuro da Língua Portuguesa?
- ii. Como todas as línguas, também o Português tem um passado e uma memória;
- iii. As línguas alteram-se, em espaços geográficos diversos, assim tem sucedido com o Português; os casos do Brasil e dos PALOP;

- iv. O português falado e o português escrito: a mesma língua, mas com comportamentos distintos;
- v. A falta de uma estratégia política para a defesa do Português, em África;
- vi. Para o Autor, é necessário reconhecer as diferenças linguísticas, mas enquadrá-las num património comum, em vez de decretos artificiais que aprisionam a língua.

2) Proponha um título adequado ao excerto que leu, fundamentando a sua proposta. (1,5 valores)

O Autor do texto publicou o artigo, no jornal *Público*, com o seguinte título: A velhíssima mãe e os seus diferentes filhos. Naturalmente os candidatos podiam propor um título diferente, mas teria de reflectir a ideia de uma língua, a portuguesa, que foi crescendo e recebendo a influência de outros falares, de geografias diversas. Ou seja, uma língua com diversos filhos (3º parágrafo do texto). Podia também o título sintetizar uma ideia defendida pelo Autor, como “Falemos mais em Português e falemos menos do Português” ou “A Língua Portuguesa: espaço de liberdade e de diversidade”.

3) Qual a relação entre as palavras ‘nós’ e ‘noz’? (0,5 valores)

- a. São palavras sinónimas.
- b. São palavras homófonas. [resposta correcta]**
- c. São palavras antónimas.
- d. São palavras homógrafas.

4) Quanto ao acento tónico, como classifica as palavras ‘ortográfica’ e ‘linguística’: (0,5 valores)

- a. São palavras paroxítonas.
- b. São palavras oxítonas.
- c. São palavras proparoxítonas. [resposta correcta]**

5) Tendo em conta a frase: “O Testamento de D. Afonso II, que está na origem da mais recente euforia celebrativa, está datado de (...)”, como classifica a oração introduzida por ‘que’? (0,5 valores)

Oração subordinada relativa explicativa.

6) Como classifica a oração: “Mas o português não parou por aí, (...)”? (0,5 valores)

Oração coordenada adversativa.

7) Como classifica a oração: “Quando (...) os países africanos clamaram por professores”? (0,5 valores)

Oração subordinada temporal.

8) Como classifica a oração: “E se os movimentos de libertação africanos optaram pelo português (...)”? (0,5 valores)

Oração subordinada condicional.

9) Tendo em conta a frase: “Houve um período em que esses três países procuraram (...)”:

- a. Identifique o tempo verbal do vocábulo sublinhado; (0,5 valores)  
Pretérito perfeito, modo indicativo, 3ª pessoa do singular.
- b. Flexione a mesma forma verbal na 3ª pessoa do plural do pretérito imperfeito, modo indicativo, e na 3ª pessoa do plural do presente, modo indicativo. (1 valor)

Haviam e hão.

## Grupo II

- 1) Identifique no seguinte excerto as preposições simples e contraídas: (2 valores)

“Numa tarde, estava eu a brincar com um grupo de meninos no terreiro da igreja, quando Alfredo, o filho do padeiro, propôs fazermos uma visita à bruxa. Corremos pela rua abaixo. Eu bem que queria, mas contra a minha vontade fui correndo com os outros que, chegados à casa da bruxa, começaram aos gritos:

– Bruxa má! Bruxa má! Sai cá para fora! Mostra-te à gente! [...]

A bruxa saiu de casa limpando as mãos molhadas ao avental perante o nosso olhar.”

Ilse Losa, *O mundo em que Vivi* (adaptado)

[preposições sublinhadas no texto]

- 2) Transforme cada par de orações numa frase complexa, estabelecendo a relação indicada entre parênteses. Faça as alterações necessárias.

- a. Comemos bolos. Bebemos sumo. (coordenação disjuntiva) (0,5 valores)  
Comemos bolos ou bebemos sumo.
- b. Não ficou na primeira fila. Ouviu bem a música e viu os cantores. (coordenação adversativa) (0,5 valores)  
Não ficou na primeira fila, mas ouviu bem a música e viu os cantores.
- c. Ele gosta de livros. Os livros são sobre animais. (subordinação relativa restritiva) (0,5 valores)  
Ele gosta de livros que são sobre animais.
- d. Vou fazer o jantar. Não tenho fome. (subordinação concessiva) (0,5 valores)  
Vou fazer o jantar, embora não tenha fome.
- e. Quero comprar um carro. O meu vizinho tem um carro vermelho. (subordinação comparativa) (0,5 valores)  
Quero comprar um carro melhor do que o carro vermelho do meu vizinho.

- 3) Forme adjectivos a partir dos seguintes nomes: (0,2 valores por cada alínea)

- a. Franqueza. Franco  
b. Magnitude. Magno  
c. Noite. Nocturno.  
d. Gratidão. Grato.



e. Calvície. Calvo.

4) Qual o nome do sinal de acentuação da palavra 'àquelas'? (0,5 valores)

Acento grave.

5) Reescreva a seguinte frase na voz passiva: *Os alunos, no ano passado, estudaram todas as obras de Saramago.* (1 valor)

Todas as obras de Saramago foram estudadas, no ano passado, pelos alunos.

6) Substitua o complemento directo e/ou indirecto pelo clítico correspondente. (0,3 valores por cada alínea)

a. Eles comiam as laranjas.

Eles comiam-nas.

b. O João indicará a casa ao irmão no restaurante.

O João indicar-lha-á no restaurante.

c. Já fizeste o teste?

Já o fizeste?

d. As amigas rasgaram os trabalhos às colegas.

As amigas rasgaram-lhos.

e. Não tires o estojo da mala.

Não o tires da mala.

7) Complete com o particípio adequado do verbo indicado entre parênteses. (0,2 valores por cada alínea)

a. Se ele tivesse manifestado (manifestar) a sua ideia, teríamos evitado um problema.

b. Ele tinha inserido (inserir) o nome na lista.

c. O centro de empresas do meu vizinho tem empregado (empregar) muitos jovens desempregados.

d. A sala estava submersa (submergir) de água.

e. A Carla tinha ouvido (ouvir) os amigos a combinar um jantar.